

Os limites do irracional: globalização e crise econômica mundial de José Martins*

Edur Velasco Arregui^{**(*)}

Nos últimos dias de 1999 tive a oportunidade de conhecer o livro que José Martins acabava de publicar, num Brasil estremecido pela especulação financeira, a recessão e o desemprego. Decorridos apenas uns poucos meses, as burguesias da América Latina celebram a paralisação do curso da crise geral do capitalismo descrita por Martins. As economias do sudeste asiático começam a se recuperar do seu colapso de 1998, na medida em que a própria economia japonesa lentamente volta a se movimentar. Nos países da Europa a taxa de desemprego cai nas principais economias, embora se mantenha em torno de um preocupante 10% na maioria delas (IMF, *World Economic Outlook*, outubro de 1999). Mas o dado mais surpreendente vem do *Survey of Current Business* dos Estados Unidos da América: no último trimestre de 1999, a economia norte-americana cresceu a uma taxa de 6,9%, compensando assim os resultados medíocres dos trimestres anteriores e empurrando a taxa de crescimento anual da economia norte-americana para 3,7%, dobrando o crescimento médio de seus principais sócios do G-7. No próprio Brasil o Real se recupera, as taxas de juros diminuem aos poucos e as restrições ao gasto público começam a se relaxar, preparando assim o clima que os afiançadores locais da ordem global precisam para as eleições de outubro próximo. Mas, por baixo da superfície, a crise ferve novamente. Para romper com as falsas aparências da “restauração” do Plano Real, a lógica implacável do texto de José Martins é necessária.

O texto divide-se em três partes: O Mundo Gira, O Mundo organizado pelo Capital e O mundo ameaça parar. Não procuraremos reconstruir as abundantes cifras e dados nos quais se apoia o texto de José Martins, mas sim

* São Paulo, Editora Fio do Tempo, 1999.

** Pesquisador da "Universidad Autónoma Metropolitana, Azcapotzalco", México. Autor do texto "**Cuestión Indígena y Nación: la rebelión zapatista desde una perspectiva andina**". Chiapas, México, 2000.

(*) Traduzido por Fidel Lerner

o seu método e a teoria da crise que o fundamenta. Seu rigor reside na descrição que faz do movimento total do capitalismo.

Na primeira parte do livro, o autor mostra como a globalização representa um salto na internacionalização da produção e na circulação do capital. Estamos diante de uma reconfiguração do mercado mundial, empurrado pela vocação global do capital que vai rachando a velha estrutura dos Estados nacionais, sem poder se desfazer deles. Temos um desmembramento dos circuitos nacionais de reprodução e o surgimento de arquipélagos de alta tecnologia no meio de territórios devastados. O resultado é uma degradação dos mercados de trabalho em escala mundial, um aumento sem precedentes da força de trabalho subordinada ao capital, junto com um exército de reserva imenso que afoga as formas precedentes de resistência.

A Globalização, para Martins, resume-se num incremento da taxa de exploração da força de trabalho e numa subordinação ainda mais severa dos países capitalistas dominados aos centros capitalistas dominantes, reforçando todos os mecanismos de transferência de excedente dos primeiros aos últimos.

Longe das teses sobre a “desindustrialização” do capitalismo mundial, Martins demonstra que na globalização ocorre um crescimento da força de trabalho subsumida ao capital, onde o crescimento dos trabalhadores inseridos nas condições de produção de mais-valia absoluta, mais do que compensa a diminuição do número de trabalhadores inseridos sob formas de subsunção relativa do trabalho ao capital. Neste último caso, os incrementos surpreendentes da produtividade coincidem com um aumento também sem precedentes da taxa de mais-valia. Mas o processo de reprodução ampliada do capital não só subjuga a um maior número de trabalhadores no mundo, mas também destrói e devora os pequenos produtores, a massa de camponeses e pequenos produtores, criando assim um contingente crescente de desempregados. O capitalismo tem levado nos últimos anos a um processo sem precedentes de despovoamento das zonas rurais, em particular na Ásia, África e América Latina. Ao mesmo tempo, gera uma urbanização podre, sem serviços nem trabalho, um mar de pobreza urbana.

Na segunda parte do livro, José Martins mostra os diferentes cenários da globalização e seu desenvolvimento desigual e combinado, mostrando as assimetrias da acumulação de capital em escala mundial. Para Martins fica claro que o fluxo intenso de IED às economias dominadas nunca trará como resultado a cabal modernização dos seus processos de produção e a capacidade endógena de reprodução ampliada. Ele mostra que os fluxos de IED não tem relação com o nível de ingressos per capita dos países importadores de capital. Seu objetivo não é consolidar presença num mercado interno em expansão, e sim subtrair o máximo de recursos para sua

valorização global, absorver toda a riqueza ao seu redor, expoliar e corroer as economias onde se assenta. A opção para a IED são as regiões onde prevalecem os baixos salários, os subsídios às empresas, as possibilidades de especulação, a ausência de controle sobre seu impacto no meio ambiente.

Capitalismo e a economia política da fome.

Ao mostrar as conseqüências da globalização no Brasil, para um leitor mexicano e zapatista é de grande interesse aquela seção do livro intitulada “Produção de Alimentos e Luta de Classes no Brasil”. Nela, o autor rebate de maneira brilhante Amartya Sen, laureado Prêmio Nobel, ao mostrar como o regime capitalista de produção é incapaz de alimentar a população mundial: pelo menos uma terceira parte da população do mundo passa fome, e pelo menos outro terço se alimenta de maneira deplorável, com baixa qualidade nutricional na sua cesta básica, do que se derivam todo tipo de problemas fisiológicos e uma morte também prematura. A esperança de vida da humanidade no capitalismo se cinde: ricos e pobres tem ciclos de vida diferentes. A pobreza conduz a uma morte precoce antes dos cinquenta anos. A população opulenta aspira a uma vida centenária e destina toda sua riqueza para prevalecer por cima de seus contemporâneos, *for ever young*.

A globalização no Brasil tem encarnado os interesses da burguesia também nas áreas rurais. O desenvolvimento desigual e combinado da agricultura brasileira gera uma redução sem precedentes na produção de alimentos para o mercado interno, o que corresponde a uma expansão simultânea da área plantada para exportação. A irracionalidade deste processo, induzido pelo parasitismo do latifúndio brasileiro, provoca queda na produção per capita da agricultura, descenso na produtividade e encarecimento dos bens que dependem da importação massiva de grãos e alimentos. A degradação da agricultura brasileira tem assim um impacto profundo e geral sobre o desenvolvimento das forças produtivas para o conjunto do país. Martins mostra como o Brasil, que teria potencial para produzir 300 milhões de toneladas de grãos ao ano, apenas consegue chegar perto dos 40 milhões - 15% do seu potencial - e isto nos anos de boas safras. É o mercado mundial quem impede a reforma agrária, evitando assim que um possível crescimento na produção brasileira, em produtos que não são complementares, possibilite a concorrência com a agricultura dos países centrais. Os créditos internacionais estão atrelados à não realização da Reforma Agrária.

Lembranças do futuro: quando a locomotiva norte-americana frear .

Na terceira seção do livro, *O mundo ameaça parar*, José Martins reconstrói o núcleo de sua teoria da crise. Para o autor, nada exhibe com maior clareza a instabilidade inerente à globalização do que as contradições da economia norte-americana. Para José Martins, as contradições do capitalismo não decorrem de seu insuficiente desenvolvimento, senão que alcançam sua maior intensidade no ponto em que se concentra sua forma mais desenvolvida. As crises capitalistas não são resultado de forças exógenas ou de uma alocação imperfeita de seus recursos, e sim do movimento próprio do capital, de sua reprodução ampliada. O limite do capital é o capitalismo mesmo. Isto quer dizer - afirma José Martins - que as crises do capital acontecem, paradoxalmente, devido exatamente a seu enorme êxito. E isto não acontece no seu ponto mais baixo, senão no mais elevado. Hegel, bem antes de Marx, nos explica Martins, já expressava o modo violento do desenvolvimento das contradições.

Numa explicação brilhante da crise asiática, Martins nos mostra como esta teve sua origem na impossibilidade de satisfazer o apetite de lucro dos grandes núcleos de capital produtivo, que têm seu centro na economia norte-americana. A economia norte-americana, devido à sua enorme produtividade, estabelece um preço regulador de mercado em escala mundial, que é o preço criado pela empresa dotada da maior intensidade tecnológica num ramo de produção, arrastando o resto das empresas. A economia norte-americana, com uma composição orgânica superior a de seus competidores, pode vender suas mercadorias a preços mais baixos que o preço de produção individual, e ao mesmo tempo conseguir uma taxa de lucro acima da média, isto quer dizer, um lucro extraordinário. Deste processo decorre uma pressão generalizada à deflação, à queda da taxa de lucro e, conseqüentemente, à crise. Em síntese, a deflação asiática e a interrupção abrupta de seu crescimento tiveram como ponto de partida o formidável crescimento da produtividade na economia norte-americana. Os tigres e os dragões foram devorados por um turbilhão *yanqui*. Havendo superprodução de capital, não há compaixão nenhuma pelo mais fraco.

Também, nesta seção, Martins explica com grande rigor o sentido da proposta de Mastrich e o da disputa do capitalismo Europeu pelos lucros financeiros da hegemonia norte-americana no mercado mundial. Desde a perspectiva de Martins, a política econômica da Europa unificada é apenas a expressão de uma estratégia mais ampla das diferentes burguesias européias reunidas em torno da burguesia alemã: de um lado reforçar o poder do sistema bancário e financeiro privado do continente no interior do sistema global de empréstimos e de movimentos de capital. Do outro, reduzir o ritmo de acumulação industrial e do emprego nas três principais economias do continente- Alemanha, França e Itália- enquanto leva adiante uma

relocalização das indústrias europeias nas nações subordinadas ao capitalismo europeu no Leste da Europa, África e Ásia.

Com esta estratégia, a burguesia europeia procura se adaptar às novas condições de mercado e de concorrência imperialista. Assim, com muito maior intensidade que seus colegas japoneses, os europeus conseguiram expandir a presença de seus bancos e de suas empresas no mundo. Na base do EURO, encontra-se o assalto às finanças públicas por uns poucos velhos e novos parasitas do sistema bancário europeu. O grande risco de sua estratégia desindustrializadora e de relocalização dos velhos centros de produção, é que convertem a Europa num espaço muito vulnerável perante os choques cíclicos globais, na medida em que as empresas dependem cada vez mais de atividades fora de suas fronteiras.

No caso da América Latina, sua situação é cada vez mais adversa, incluso na nação que com maior profundidade participa da globalização: o México. Cercado pelo muro da vergonha, o muro real e virtual que se estende da costa do Pacífico à do Atlântico, ao longo 3.000 quilômetros, se estabelecem ali as condições para a exploração de milhões de trabalhadores mexicanos que recebem um salário dez vezes menor que o dos trabalhadores brancos dos Estados Unidos. Como afirma Martins, mesmo supondo que as economias latinoamericanas voltem a se articular com as economias dominantes para um novo ciclo de expansão de quatro ou cinco anos, estará se incubando desde agora uma catástrofe econômica muito mais intensa que as precedentes. E uma nova crise econômica colocaria em xeque os Estados e a governabilidade burguesa.

As frágeis contratendências à detonação da crise mundial

Enquanto o livro de Martins encontrava-se na gráfica, ocorreram um conjunto de acontecimentos que somente tem postergado a crise. Em particular, é interessante observar como o instrumental metodológico de Martins permite explicar esta postergação do que será a fase mais intensa da crise mundial. O próprio Fundo Monetário Internacional afirma, por intermédio dos seus representantes, que ainda permanece um alto grau de incerteza sobre a evolução da economia mundial. A razão disto é a inevitável - é só uma questão de tempo, dizem os próprios analistas financeiros - recessão na economia dos Estados Unidos. A mesma pode estourar num prazo muito próximo como pode expressar-se plenamente durante o ano 2001.

Por que se postergou a recessão nos Estados Unidos? Aqui a guerra, o âmbito privilegiado da política, desempenhou um papel central. No segundo semestre de 1999, a economia norte-americana caminhava já para uma

inevitável recessão, como mostram os dados do *Survey of Current Business*. Mas no decorrer dos meses anteriores o Departamento de Estado foi preparando um antídoto eficaz: uma guerra regional que desse oxigênio à cada vez mais aletargada economia. O primeiro efeito da guerra foi um incremento substancial do gasto militar norte-americano, que implicou uma contribuição direta de 0,7% pontos a mais na taxa de crescimento dos Estados Unidos. Mas seu principal efeito foi mostrar que o único Estado capaz de garantir uma hegemonia burguesa no seu entorno são os Estados Unidos. Ao mesmo tempo que os bombardeios sobre Belgrado deixavam um rastro de morte e instabilidade crônica, o dólar se recuperava e o recém criado Euro perdia pontos, mais uma vítima dos danos colaterais. A Guerra de Chechênia, segundo cenário bélico de 1999, bem pode ser vista como a segunda parte da luta pelo corredor estratégico que vai do Cáspio ao Adriático e por isto foi aprovada com hipocrisia e dissimulada pelos poderes mundiais.

Alimentada pelos fluxos de capitais originados nas atribuladas burguesias do mundo, a bolsa de Wall Street não cessou de crescer: sempre as guerras têm sido uma festa para a bolsa nova yorquina. E junto com ela, a massa de pequenos poupadores, envolvida numa nova onda de exuberante irracionalidade, voltou a se sentir proprietária de uma pequena fortuna e a dilapidá-la no consumo corrente. É como no último quartel de 1999, quando a alta no preço dos ativos financeiros fez com que o consumo de bens e serviços provocasse um aumento de 4 pontos na taxa de crescimento do PIB. Em contraste, o investimento contribuiu com somente 0,4 pontos na última fase de expansão da economia dos Estados Unidos, enquanto que o crescimento dos estoques contribuía com 1,33 pontos. O investimento cai e crescem os estoques. São os primeiros sintomas de que a tormenta está próxima.

Paradoxalmente, a produtividade da economia norte-americana não para de crescer (6,4% no último trimestre de 1999) enquanto que os custos trabalhistas diminuem. Mas, a massa de mais-valia exigida por cerca de trinta trilhões de dólares de riqueza acumulada nos Estados Unidos, para manter uma taxa de lucro aceitável, não consegue se satisfazer nem sequer com o notável aumento da mais-valia relativa, a queda dos salários reais e a exploração que pesa sobre a força de trabalho mundial que reside nos Estados Unidos. Por outro lado, o protesto de Seattle é a demonstração de que a hegemonia burguesa não pode se sustentar de forma indefinida na base da trituração dos seres humanos. E os “working poor” saíram às ruas para mostrar o verdadeiro rosto da globalização.

Mas um dia a festa acabará. Os capitais que generosamente têm fluído aos Estados Unidos sairão do seu refúgio. A bolsa de New York cairá de forma mais ou menos abrupta. Os especuladores da bolsa descobrirão então

que suas fortunas se desvaneceram e que terão que lidar com um volume de dívidas muito maior que seus ativos, e serão os primeiros a falir, numa corrente que poderá arrastar os verdadeiros gigantes. A correção promete ser muito dura, na medida em que o progresso técnico do capitalismo tem preparado um abismo profundo para a deflação. O texto de Martins prenunciava, devido ao rigor de seu método, este cenário.

E se a crise da economia russa, com a qual América Latina tem um intercâmbio ínfimo e cujo peso na economia mundial continua sendo marginal, criou em nosso hemisfério um furacão feroz, que deixou milhões de trabalhadores sem trabalho, castigou severamente os salários dos que permaneceram ocupados e reduziu o orçamento social, a ponto de nos deixar sem teto, sem hospitais e escolas, o que será de nós quando a depressão estourar no coração do sistema capitalista mundial?

Para responder esta pergunta é indispensável recorrer ao livro de José Martins, *Os Limites do Irracional*. É um livro que deverá ser lido e estudado coletivamente, para que a inteligência de um ajude a responder as dúvidas do outro. Deverá ser lido em voz alta nas fábricas, nos campos devastados pela seca e pelo latifúndio, nas escolas, bairros, cortiços, morros e favelas. Porque, como bem dizia Bertolt Brecht, já está na hora de que a verdade esteja nas mãos de quem sabe o que fazer com ela.